



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**Juliane da Silva Messias**

**A PRESENÇA DOS ANIMAIS E DO HUMOR NA OBRA *111  
POEMAS PARA CRIANÇAS* DE SÉRGIO CAPPARELLI**

**Campina Grande**

**2014**

Juliane da Silva Messias

A PRESENÇA DOS ANIMAIS E DO HUMOR NA OBRA *111  
POEMAS PARA CRIANÇAS* DE SÉRGIO CAPPARELLI

Monografia de conclusão de curso apresentada  
ao curso de Letras – Língua Portuguesa da  
Universidade Federal de Campina Grande,  
como requisito parcial à conclusão do curso.  
Orientador: Prof. Dr. José Hélder Alves  
Pinheiro

Campina Grande

2014

Juliane da Silva Messias

A PRESENÇA DOS ANIMAIS E DO HUMOR NA OBRA *111 POEMAS PARA CRIANÇAS* DE SÉRGIO CAPPARELLI

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ .

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. José Hélder Alves Pinheiro - UFCG

---

Examinador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr. Rosiane Maria S. Silva Xypas - UFCG

Campina Grande- PB

2014

## **Dedicatória**

Aos meus pais, que com muito amor e esforço fizeram de mim a pessoa que sou, alegre, esforçada e grata àquele que me esculpiu, o todo Soberano Deus.

## Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, Esse que me deu o imenso prazer da vida, de poder desfrutar das alegrias dessa terra enquanto vida eu tiver.

À minha amada mãe (Dalva) e ao meu pai Valdevino (*in Memoriam*), por me ensinarem o valor de uma família, por me acolherem com tanto amor e dedicação, por acreditarem nas minhas escolhas e me ajudarem a conquistá-las. Muito obrigada pelos ensinamentos que hoje os levo comigo. Amo vocês, as pessoas mais especiais que eu podia conhecer.

Aos meus irmãos por estarem sempre ao meu lado. Obrigada por compartilharem momentos maravilhosos e por serem os meus amigos e cuidadores, por assumirem diversas vezes o papel de pais e me protegerem.

Ao meu esposo (Thiago), por seu amor que me encanta todos os dias, por compartilhar momentos de muita alegria, companheirismo e dedicação! Por acreditar em mim e me ensinar a refletir no que será melhor pra mim. Por ser esse homem maravilhoso que Deus me presenteou! Te Amo, Amor!

Aos demais familiares que fizeram parte do meu crescimento pessoal, por se fazerem presentes sempre quando precisei de conselhos, ombro amigo e carinho.

Às minhas amigas (Lulus), que aprendi a amar! Obrigada meninas por se fazerem tão presentes em minha vida, pelas vezes em que me receberam, de braços abertos, em suas casas, pelos “papos lulus”, pelas vezes em que falaram verdades e me aconselharam, pelos ensinamentos, por partilhar cada momento da nossa vida acadêmica. Muito obrigada, Jéh (Jéssica), Dany (Danielly), Jardim (Jardiene), Dany (Danielly Reis), Nnessa (Vannessa), pelos estresses tolerados, pelas tristezas suportadas, pelos vários momentos de estudos, pelos muitos sorrisos, andanças, cumplicidade, irmandade e carinho. Diante de tantas lutas e conquistas, nossa amizade perdura e fortalece, desejo a todas nós, sucesso e uma amizade eterna!

Aos meus queridos amigos, (Micaelly e Samu), (Aline e André), (Alana e Yanna) que sempre me incentivaram, acreditaram e me acompanharam nessa jornada acadêmica. Por me proporcionarem muitos momentos de alegrias e risos! Por demonstrarem tanto carinho e cumplicidade em diversas ocasiões de nossas vidas! Amo todos vocês e sem vocês, eu não chegaria até aqui!

Às pessoas que fizeram a minha jornada possível e contribuíram de alguma forma para com o meu crescimento.

À grande família Pet-Letras/UFCG, meu muitíssimo obrigada, pelas diversas oportunidades oferecidas, dessa forma pude enriquecer a minha formação, estreitar laços de amizade, aprender com a magnífica tutora (Denise) por me fazer crescer no Curso e por tantos ensinamentos ao longo da minha caminhada.

A todos os funcionários da UAL, sobretudo aos queridos Waldemar e Marciano, sempre esmerados em ajudar e fazer possível cada conquista alcançada.

Por fim, agradeço aos docentes, Auxiliadora Bezerra, Aloísio Medeiros, Zé Mário, Denise Lino, que durante todo o meu percurso acadêmico me orientaram não somente em sala de aula, mas também fora dela. Tenho plena consciência da importância de cada um na minha formação acadêmica e humana. E tantos outros que, com entusiasmo e paixão, me convidaram a apreciar o saber.

Ao querido professor, orientador e amigo Hélder Pinheiro, sem seus ensinamentos, paciência e dedicação, não alcançaria este trabalho de pesquisa. Muito obrigada professor, por cada dia de aula dedicado à poesia, pois sem o seu entusiasmo e amor não enxergaria a grandeza desse saber.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

## **Resumo**

Este trabalho tem por objetivo analisar a presença dos animais e do humor na obra *111 poemas para crianças* do autor Sérgio Capparelli. Para a concretização deste, fundamentamo-nos na teoria de Àries (1981) e Amarilha (2002) para destacarmos o contexto histórico do surgimento do conceito de infância que está diretamente atrelado à origem da Literatura Infantil, voltada de fato, à criança; Freud (1996), Held (1980), Pinheiro (2000) e Propp (1992) para ressaltar as peculiaridades da Poesia Infantil e a importância da presença dos animais, bem como do humor; Bordini (2003), Held (1980), Silva (2000) e Pinheiro (2007) para abordarmos a importância da temática dos bichos relacionada ao aspecto do humor nos poemas apresentados na referida obra do autor Capparelli. Deste modo, nosso estudo é de natureza bibliográfica e analítica. Escolhemos cinco poemas do capítulo “Esses animais divertidos” que retratam em seus versos a temática dos animais atrelada à presença do humor. Identificamos e descrevemos a relação do humor com o tema dos animais e investigamos o porquê do “fantástico” nos poemas que apresentam os dois aspectos já mencionados anteriormente. Como principais resultados, identificamos que todos os poemas trazem uma representação positiva da presença dos bichos e do humor atrelada a poesia para crianças, visto que ambos os elementos despertam a sensibilidade, aprimoram os sentimentos, aguçam as percepções e brincam com o imaginário infantil. Neste sentido, quando lidos pela criança, esses poemas podem proporcionar momentos de prazer e divertimento.

**Palavras-Chave: Literatura. Poesia Infantil. Animais. Humor.**

## **Abstract**

This work aims to analyze the presence of animals and humor in the work *111 poems for children* Author Sérgio Capparelli. To achieve this, fundamented in the theory of Aries (1981) and Amarilha (2002) we deploy to the historical context of the emergence of the concept of childhood that is directly linked to the origin of Children's Literature, focused in fact, the child; Freud (1996), Held (1980), Pine (2000) and Propp (1992) to highlight the peculiarities of Children's Poetry and the importance of the presence of animals and humor; Bordini (2003), Held (1980), Silva (2000) and Pinheiro (2007) to approach the importance of the theme of bugs related to the aspect of humor in poems presented in that author's work Capparelli. Thus, our study is bibliographic and analytical nature. We chose five poems of the chapter "These amusing animals" in his verses that portray the theme linked to the presence of mood animals. Identify and describe the relationship of humor with the theme of animals and investigate why the "fantastic" in the poems that present the two aspects mentioned above. As main results, we found that all the poems bring a positive representation of the presence of animals and tied humor to poetry to children, since both elements arouse sensitivity, enhance feelings, sharpen perceptions and play with the child's imagination. In this sense, when read by children, these poems can provide moments of fun and pleasure.

Keywords: Literature. Children's Poetry. Animals. Humor.



## SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: O PERCURSO DA LITERATURA INFANTIL.....	12
1.1 A Literatura Infantil até meados do século XX.....	12
1.2 Uma nova perspectiva no olhar da Literatura Infantil.....	18
CAPÍTULO II: LITERATURA INFANTIL: POESIA PARA CRIANÇAS .....	23
2.1 A presença dos animais na Poesia Infantil .....	23
2.2 A presença do humor na Poesia Infantil.....	31
CAPÍTULO III: A PRESENÇA DOS ANIMAIS E DO HUMOR NA OBRA <i>111</i>	
<i>POEMAS PARA CRIANÇAS</i> DE SÉRGIO CAPPARELLI.....	38
3.1 Conhecendo autor e obra.....	38
3.2 Mãos à obra: Análise de poemas.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS .....	52

## INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil percorreu um longo caminho até seu reconhecimento e emancipação. Para a nossa compreensão acerca do assunto, faz-se necessário um traçado histórico que demonstre o surgimento, de fato, de uma literatura voltada para o público infantil. Até o fim da Idade Média não havia uma produção literária voltada especificamente para as crianças, pois estas participavam da vida cotidiana praticamente da mesma forma que os adultos, tão logo adquirissem o mínimo de autonomia, como andar e se alimentar sozinha. Nesse sentido então, entendemos que não seria possível falar de Literatura Infantil nessa época, uma vez que o conceito de infância simplesmente não existia e as crianças eram vistas como adultos em miniatura.

O historiador francês Philippe Ariès em seu livro *História Social da Criança e da Família* nos mostra que o conceito de infância surge gradativamente a partir de desdobramentos históricos que mudaram a posição social da criança e permitiram o surgimento do conceito de infantil. É a partir de então que podemos começar a falar de uma Literatura eminentemente voltada para este público. No entanto, veremos que inicialmente a Literatura Infantil se caracterizará, sobretudo, por um caráter pedagógico e moralizante, ou seja, ela não existia tal como a concebemos atualmente, tendo a função apenas de transmitir valores, costumes, com o desígnio unicamente de ensinar moralmente o infante.

Essa forma de se fazer Literatura Infantil, marcada por esse caráter moralizador e pedagógico se mantém até o século XX, todavia começa a ceder espaço para uma nova produção de Literatura Infantil, marcada fundamentalmente por novas características como o lúdico, o humor, o fantástico, a brincadeira etc., elementos esses que hoje sabemos pertencer ao universo da criança.

Pretendemos demonstrar como a presença dos animais e do humor se inscrevem nesse novo cenário, possibilitando a aproximação do público infantil à Literatura, sobretudo na forma de poesia, que será o gênero aqui enfatizado. Nosso objetivo, portanto, é analisar a presença dos animais e do humor em cinco poemas presentes na obra *111 poemas para crianças* do autor Sérgio Capparelli e como específicos: apontar os recursos sonoros recorrentes

nos poemas analisados e verificar quais recursos desencadeiam o humor nos poemas do autor.

O interesse pela obra se justifica, em virtude do autor Sérgio Capparelli ser um dos principais nomes da poesia infantil contemporânea, por trabalhar temáticas que enfocam questões comuns pertencentes ao universo infantil como: a relação da criança consigo mesma e com outras crianças, com a natureza e os animais que a cercam, sem esquecer, sobretudo, do elemento do humor que permeia sua poesia.

Para que todos os objetivos, previamente propostos, fossem alcançados, elaboramos uma pergunta norteadora – a saber: qual a importância da presença dos animais e do humor nos poemas infantis selecionados? – que orientou os estudos e a análise trazida neste trabalho.

A nossa pesquisa é de natureza bibliográfica e interpretativa-analítica, uma vez que seleciona poemas e os analisa de acordo com o tema a que se propõem versar. O seu corpus é composto por cinco poemas destinados ao público infantil: *Meu cavalo come-vento*, *O buraco do tatu*, *Relâmpago*, *Batatinha aprende a latir* e *Crocodilo*.

Em se tratando da estrutura, nosso trabalho dividido em três capítulos, cada um apresentando dois sub-capítulos e considerações finais.

O primeiro capítulo traz uma contextualização sobre o percurso histórico da Literatura Infantil, desde o surgimento até sua emancipação, além de descrever um novo modo de fazer Literatura para crianças, ao passo que também destacamos o surgimento do conceito de infantil.

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta reflexões acerca das especificidades da poesia destinada à criança, discutindo, principalmente, a presença dos animais e do humor.

Já no terceiro e último capítulo do nosso trabalho nos propomos a analisar os poemas infantis selecionados na obra *111 poemas para crianças*, destacando como o autor Sérgio Capparelli utiliza a temática dos animais e o recurso do humor, para aproximar sua poesia do público infantil.

Por fim, apresentamos, nas considerações finais, uma discussão geral acerca dos objetivos que nos propusemos alcançar neste trabalho.

## **CAPÍTULO I - O PERCURSO DA LITERATURA INFANTIL**

Neste primeiro capítulo objetivamos demonstrar brevemente, como algumas mudanças históricas alteraram a posição da criança na sociedade, propiciando o desenvolvimento do conceito de infância. Para tanto, destacaremos, numa perspectiva histórica o surgimento do conceito do infantil que contribuiu diretamente para o surgimento da Literatura voltada para este público. Além disso, apresentamos alguns dos caminhos traçados pela Literatura Infantil brasileira, que por sua vez, surgiu no século XIX, muito tempo depois do início da européia, mantendo inicialmente estreita ligação com esta.

### **1.1 A Literatura Infantil até meados do século XX**

No final do século XVII foram escritos os primeiros livros destinados às crianças, no entanto, eles não podem ser ainda considerados literatura, pois eram escritos com função apenas de ensinar valores, vivências, hábitos, tradições, cultura. Ou seja, havia uma leitura utilitária, voltada exclusivamente para o intuito de educar moralmente as crianças, consideradas nesse momento miniadultos, e não para o prazer de ler literatura. Segundo Azevedo (2001):

(...) não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. (...) as crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de Literatura Infantil. Por este viés, as origens da Literatura Infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino. (AZEVEDO, 2001, p. 1)

Ainda sobre o tratamento oferecido às crianças nos séculos XV e XVI, podemos afirmar, segundo o autor já citado, que as crianças participavam da vida da sociedade sem cuidados especiais às suas necessidades. Richter (apud ZILBERMAN, 1982), assegurou que:

Na sociedade antiga, não havia infância: nenhum espaço separado do mundo. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política), nas festas, guerras, audiências, execuções, etc... tendo assim seu lugar assegurado nas tradições comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos. (ZIBERMAN, 1982)

Desta forma então, entendemos que a infância é, antes de tudo, um conceito e como tal só veio a ser elaborado posteriormente a partir de desdobramentos históricos que ressignificaram a concepção do infantil, ou seja, a sociedade passou a enxergar a criança de outra forma, não mais como um miniadulto, favorecendo também o surgimento da literatura voltada especificamente para as crianças.

Cabe-nos perguntar: por que uma temática tão relevante atualmente (Literatura Infantil) foi, de certa forma, ignorada durante tanto tempo? Para tentarmos entender os motivos pelos quais a Literatura Infantil não se desenvolveu até meados do século XIX faz-se necessário descrever brevemente o percurso histórico no qual o conceito de Literatura Infantil se desenvolveu paralelamente ao conceito de infância.

Foi a partir, principalmente, do estudo empreendido por Philippe Ariès<sup>1</sup> – *História social da infância e da família* – que a infância passou a ser compreendida como uma construção histórica e cultural e não mais como uma simples fase natural, universal e homogênea. Segundo Ariès (1981), na Idade Média a infância era muito reduzida, ou seja, logo que a criança adquirisse uma certa independência dos adultos, como, por exemplo, conseguir andar, falar e comer sozinha, era introduzida no mundo adulto e passava a circular em todos os ambientes destes (como, por exemplo, nas tavernas). Ariès (1981a, p.138) ainda afirma que: “A criança era percebida como um adulto em miniatura e tornava-se, antes de tudo, uma força de trabalho a mais, por isso a questão do ofício ficar tão evidente na iconografia desta época”.

Ao analisar historicamente as mudanças sociais pelas quais a família passou, desde a família medieval até a família moderna, o historiador analisa

---

<sup>1</sup> Importante historiador francês da família e da infância.

também como a criança foi conquistando paulatinamente um lugar diferenciado dentro do núcleo familiar. Segundo ele: “Entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos” (ARIÈS, 1981b, p.140). Entretanto essa nova posição social que a criança ocupa ainda está distante do lugar que ela ocupará no seio da família moderna, pois, apesar de ter sido reconduzida ao núcleo familiar, este ainda se apresenta como uma ‘pequena massa de sociabilidade’ no qual o chefe de família ocupa posição privilegiada.

Ariès afirma que é somente com o advento da família moderna que finalmente a criança é alçada a uma posição privilegiada dentro do núcleo familiar. Segundo ele:

A família moderna, ao contrário, separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família (ARIÈS, 1981c).

Sobre o assunto, Amarilha (2002) nos reforça que até antes do surgimento da Revolução Industrial o conceito de infância não existia e, por conseguinte, seria impossível conceber uma produção de Literatura Infantil. A autora reforça ainda que:

Do ponto de vista da história da sociedade, **a infância** surge como categoria, a partir do século XVIII (em torno de 1750). Até então, não se encontra um corpus de conhecimentos, nem tampouco um conceito formulado para esse período de desenvolvimento humano entre as várias ciências (AMARILHA, 2002a). (grifo nosso)

Nesse sentido a autora vai nos mostrar que com o advento da sociedade burguesa a criança passa a ser investida de um novo olhar, um novo lugar social na qual Amarilha passa a receber cuidados até então impensados. Desta forma então, a criança passa a ser alvo de uma educação que objetiva prepará-la para que ela possa se tornar um adulto que, por exemplo, dê continuidade aos negócios da família. Como podemos entender nas palavras de Amarilha (2002), abaixo:

Se a vida em comum com os adultos, antes da Revolução Industrial, tratava a criança com descaso, agora, o seu valor enquanto geração de braços para a indústria e cabeças para o comando lhe traz o exílio do seu tempo. Viver a infância passa a ser um período dominado por modelos de preparação para ser o futuro adulto (AMARILHA, 2002b).

Amarilha nos faz compreender que é nesse contexto, juntamente com o surgimento da Escola, que a Literatura Infantil passa a ocupar um lugar diferenciado, marcada fundamentalmente por um caráter pedagógico e moralizante. Nesse sentido compreendemos com Asbahr (2001), que assegura:

Desde que nasce, a Literatura Infantil, sendo objeto de educação e entretenimento, tem como característica [ser] didática e moralizadora, prestando-se à transmissão de mensagens ideológicas de acordo com uma concepção adulta de mundo, ou seja, os valores desejados pelos adultos à criança (ASBAHR, 2001, p. 19).

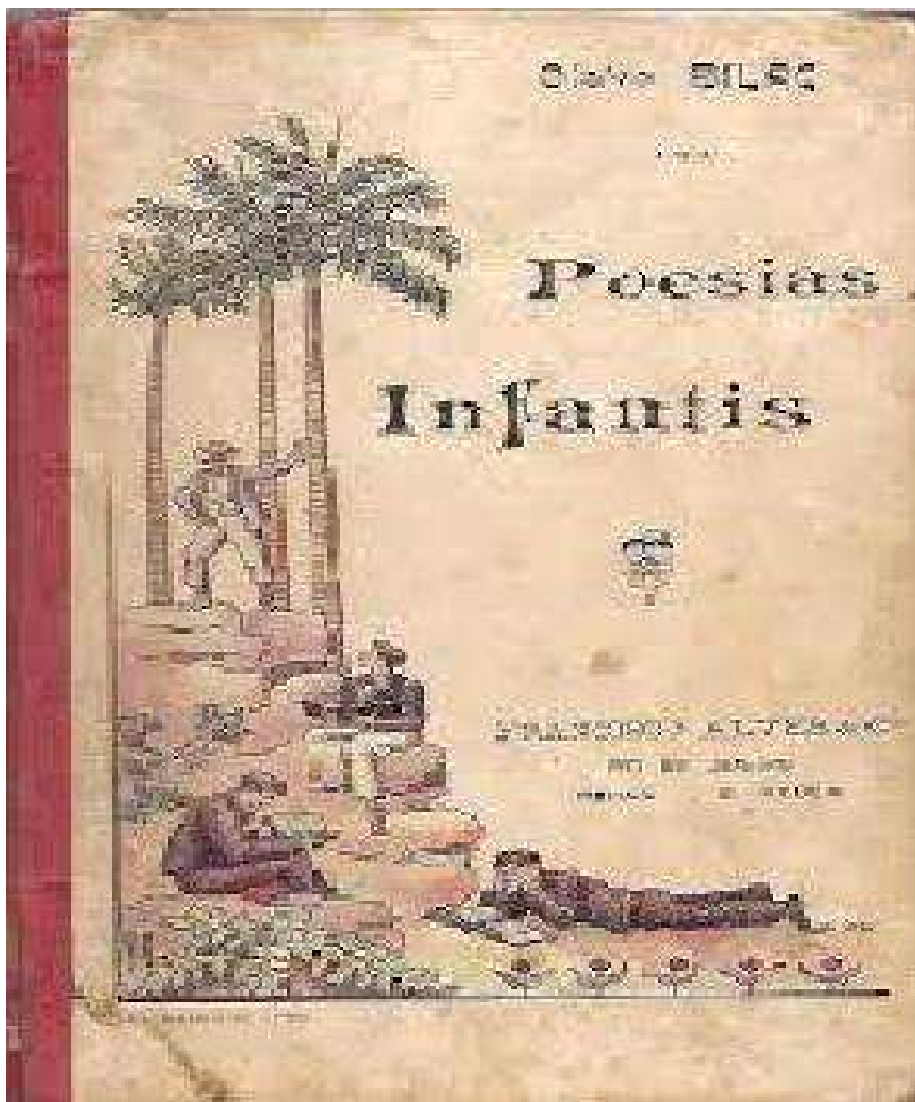
A partir desse breve percurso histórico entendemos como o conceito de infantil emerge a partir dos desdobramentos históricos e sociais que elevaram a criança a uma nova posição social, promovendo e facilitando o surgimento de novos olhares dentre os quais destacamos o surgimento da Literatura Infantil.

No Brasil, desde os jesuítas, na época da colonização, até o final do século XVIII, livros e práticas pedagógicas traziam os modelos de intelectualidade e estética literária, benquistos e convenientes para a Europa. Posteriormente, no século XIX, a Literatura Infantil e Juvenil começou a ser sistematizada na Europa e com o desenvolvimento desta, os textos traduzidos de Portugal passaram a ter espaço na educação brasileira. É nesse contexto que a vertente brasileira do gênero surge, ou seja, influenciada diretamente pelas produções literárias européias. Embora os livros para crianças comecem a ser publicados no Brasil em 1808 com a implantação da Imprensa Régia, a Literatura Infantil brasileira nasce apenas no final do século XIX. Segundo Cunha (1987, p. 20) “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a Literatura Infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

No século XX a Literatura Infantil toma forma em nosso país, o texto passa a ser produzido no formato escrito, e passa a ter clareza na concepção do que é a

infância, ou o que representa a criança, diferenciando-a do adulto. Nesta nova configuração de Literatura Infantil, segundo Coelho (1991, p. 202) “Entre os nossos pioneiros, que se preocupavam com a poesia infantil estão: Francisca Júlia, Zalina Rolim e Maria Eugênia Celso. Mas o grande “modelo” do gênero foi dado, sem dúvida, pelas *Poesias Infantis* de Olavo Bilac<sup>2</sup>. Visto que, emerge com a temática do nacionalismo, e na persistência de educar por meio da poesia, utilizando dos versos como veículo para a transmissão de lições morais e conteúdos disciplinares, contudo demonstrando sensibilidade na adequação da forma ao novo leitor.

Figura 1:



Disponível em: <http://eraumavezuem.blogspot.com.br/2012/09/principe-dos-poetas.html>

<sup>2</sup> Olavo Bilac, nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1918. Foi um jornalista e poeta brasileiro, conhecido por sua atenção à literatura infantil. Sua obra *Poesias Infantis*, publicada em 1904, teve dezenas de reedições até os anos 50/60.



A ilustração acima nos faz perceber como as crianças eram vistas na época em que a obra de Bilac foi escrita. Na ilustração observamos quatro “crianças” sozinhas, lendo livros em uma paisagem bela de palmeiras e pedras, porém com comportamentos de adultos, visto através dos trajés, por estarem vestidos com ternos. Apenas dois dos meninos parecem de fato estarem lendo os livros, um deles está olhando para um outro que está de pé sem livro e em uma atitude de estar brincando ou convidando os demais para se juntar a ele. Importante destacar que outras edições alteram a ilustração acima, fato interessante, pois apresenta o menino que está de pé, em uma postura descontraída na ilustração acima, agora vestido como os demais e com um livro também em suas mãos, em uma postura de leitura.

A poesia de Bilac destinada ao público infantil versa sobre temas pedagógicos e moralizantes, segundo Coelho (1991, p. 202): “Olavo Bilac constrói sua poesia sobre uma visão-de-vida essencialmente negativa. O que a torna, hoje, em sua maioria, inadequada aos pequenos”. Ainda sobre o poeta, segundo os autores Aguiar e Ceccantini (2012, p. 12), “Olavo Bilac como poeta parnasiano, cultua a perfeição formal e propõe-se criar versos de maneira que não pareça ‘fútil’ demais aos artistas e complicados demais às crianças”.

Observemos no poema abaixo *A boneca*, como Bilac constrói o lúdico, as rimas, a linguagem simples objetivando alcançar o público infantil, apresentando situações corriqueiras do dia-a-dia das crianças, no que tange a brincadeira de boneca e disputas por brinquedos;

### **A boneca**

Deixando a bola e a peteca,  
Com que inda há pouco brincavam,  
Por causa de uma boneca,  
Duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: “É minha!”  
— “É minha!” a outra gritava;  
E nenhuma se continha,  
Nem a boneca largava.

Quem mais sofria (coitada!)  
Era a boneca. Já tinha  
Toda a roupa estraçalhada,  
E amarrotada a carinha.

Tanto puxaram por ela,  
Que a pobre rasgou-se ao meio,  
Perdendo a estopa amarela  
Que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,  
Voltando à bola e à peteca,  
Ambas, por causa da briga,  
Ficaram sem a boneca...

(Olavo Bilac, apud AGUIAR E CECCANTINI, 2012)

Ao passo que percebemos as descrições feitas anteriormente ao poema acima, observamos também que ao final do poema, ou seja, nos últimos dois versos Bilac traz uma lição moral, na qual as crianças não devem brigar, pois a consequência é ficar sem o brinquedo, o que desta forma inscreve o poema no contexto do caráter pedagógico da época vigente, todavia sem perder a aproximação do universo infantil.

## **1.2 Uma nova perspectiva no olhar da Literatura Infantil**

Como vimos no tópico anterior, a criança até o século XVII dividia o mesmo espaço com os adultos, seja nos afazeres ou deveres, sem que nada lhes fossem poupado. Desta forma, concluímos também que não existia uma literatura específica para essa idade, uma literatura exclusivamente infantil. O que pudemos perceber é a 'inexistência' de autores e literatura voltada para a criança naquela época (séc. XVII), todavia posteriormente surge uma literatura que traz em seu cerne a ideia moralizante, pedagógica, na qual ensina como as crianças deveriam se comportar mediante seu aprendizado.

Após esse percurso que passa da inexistência de uma Literatura Infantil à literatura voltada para o pedagógico, emerge uma nova perspectiva de enxergar a criança/infância, na qual o infante passa a ser encarado como um indivíduo carente e necessitado de proteção. Segundo Narodowski (2001):

A infância deixa de ocupar seu lugar de resíduo da vida comunitária, como parte de um grande corpo coletivo. Agora a

criança começa a ser percebida como um ser inacabado, carente e, portanto, individualizado, produto de um recorte que conhece nela a necessidade de resguardo e proteção (NARODOWSKI, 2001).

Nesse sentido, a literatura foi influenciada por essa nova forma de conceber o infantil, e a partir de então abre-se um leque de possibilidades de produções literárias que inscrevem a criança em um novo universo, na qual a mesma passa a ser pensada e representada com categorias que atualmente entendemos pertencerem, de fato, ao mundo infantil. Ou seja, a presença do lúdico, rimas, fantasias, musicalidade, humor, dentre tantas outras características da poesia infantil surgiram por meio de diversos autores. Aguiar (2001, p. 24), ao discorrer sobre a história da Literatura Infantil afirma que: “Durante muito tempo, as obras infantis serviram principalmente a esse propósito e só aos poucos deixaram de lado o pedagogismo e o moralismo para conquistar o seu status artístico”.

Diante do exposto, é importante destacar Henriqueta Lisboa<sup>3</sup> que vem romper com a cadeia pedagogizante da Literatura Infantil. Em seu livro *O menino poeta*, a autora privilegia o lirismo, a metáfora e o ritmo breve, distanciando a obra da característica pedagógica até então vigente. Souza (2000, p. 66) em seu artigo *Uma viagem ao universo infantil com Henriqueta Lisboa*, nos afirma que:

(...) na obra *O menino poeta*, Henriqueta instaura um jeito novo de ver a criança e, conseqüentemente, de fazer poesia infantil. Em seu livro, a poeta não concebe a criança como um indivíduo esvaziado de conhecimento, precisando aprender com o adulto, mas como uma pessoa que tem um saber diferente, uma outra forma de enxergar o mundo, talvez mais humana, certamente mais feliz (SOUZA, 2000, p. 66).

Dito isso, entendemos que a obra da poetisa foi um marco no que se refere ao novo olhar concedido à Literatura Infantil, Henriqueta Lisboa percebe/sente que a criança tem algo também a ensinar, atribuindo a esta, uma nova posição. Vejamos o exemplo da poesia abaixo:

---

<sup>3</sup> Poetisa, ensaísta e tradutora, Henriqueta Lisboa nasceu na cidade de Lambari, no Estado de Minas Gerais.

### O menino poeta

O menino poeta  
não sei onde está  
procuro daqui  
procuro de lá  
Tem olhos azuis  
ou tem olhos negros?  
Parece Jesus  
ou índio guerreiro?

Trá-lá-lá-lá-li  
Trá-lá-lá-lá-lá. [...]

Mas onde andará  
que ainda não o vi?  
Nas águas de Lambari,  
nos reinos do Canadá?

Ai! que esse menino  
será, não será? ...  
Procuro daqui  
procuro de lá.

O menino poeta  
quero ver de perto.  
quero ver de perto  
para me ensinar  
as bonitas coisas  
do céu e do mar.

(Lisboa, 1975)

Sobre o poema acima, os autores Aguiar e Ceccantini (2012, p. 14) afirmam que: “O poema revela uma voz poética em primeira pessoa, que se dirige ao leitor colocando-se ao seu lado, sem estabelecer a distância adulto *versus* criança”. Ou seja, a autora desfaz o discurso pedagógico outrora apresentado na Literatura Infantil, para a partir de então, perceber e aprender com a criança, como podemos destacar nos versos: “quero ver de perto/para me ensinar/as coisas bonitas/do céu e do mar”.

Essa nova forma de se fazer Literatura Infantil vai se consolidando como paradigma estético influenciando diversos autores modernistas como, por exemplo: Cecília Meireles (1901-1964) e Vinícius de Moraes (1913-1980). Cecília é reconhecida como uma das primeiras vozes femininas da poesia brasileira. “A

autora escreve o livro *Ou isto ou aquilo* em 1964, uma obra que nos chama toda atenção por sua sonoridade dos poemas, como também pela recorrência da temática com animais” (AGUIAR e CECCANTINI, 2012, p. 15).

É com Cecília Meireles que a construção de poesias passa a ser representada com as categorias lúdicas e fantásticas intrínsecas ao universo das crianças. A poetisa explora de modo lúdico a sua composição literária infantil, o elemento da musicalidade que passa a existir como um traço notório de sua poesia, proporcionando diversão ao leitor mirim. Observemos o poema abaixo de Cecília Meireles, no qual a autora constrói uma musicalidade em seus versos que nos remete ao som e movimento da bola sendo arremessada na brincadeira entre as crianças. Ainda podemos comentar que o efeito é marcado também pelo uso da aliteração dos fonemas ‘b’ (bola/bela) e ‘r’ (rola/Raul/Arabela), da assonância das vogais /a/, /e/ e /o/, além da construção das rimas:

### **Jogo de bola**

A bela bola  
rola:  
a bela bola do Raul.

Bola amarela,  
a da Arabela.

A do Raul,  
azul.

Rola a amarela  
e pula a azul.

A bola é mole,  
é mole e rola.

A bola é bela,  
é bela e pula.

É bela, rola e pula,  
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,  
a de Arabela é de Raul.

(*Ou isto ou aquilo*, 1990, p.13)

Passados os anos, surgiram outros poetas na Literatura Infantil, destacando-se muitos por apresentarem aspectos do cotidiano e por darem voz

às crianças por meio de seus poemas. Desta forma, podemos compreender a riqueza que constituiu este período de desenvolvimento para a Literatura Infantil brasileira, tanto em questões como o número de autores, sistematização das publicações infantis, quanto em questões como a forma utilizada, conteúdo abordado, o que decisivamente ocasionou um salto para esse aspecto da produção literária infantil brasileira.

Gregorin (2010) afirma que “A década de 90 trouxe para o Brasil a Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional e o surgimento de novas temáticas no âmbito da Literatura Infantil, antes consideradas proibidas (...)”. Desse modo, percebemos a existência de dois momentos na história da Literatura Infantil no Brasil, aquele no qual o que prevalecia era o modelo pedagógico moralizante e este que proporciona um novo olhar ao público infantil, uma literatura voltada para o lúdico e para o prazer de ler.

## **CAPÍTULO II – LITERATURA INFANTIL: POESIA PARA CRIANÇAS**

Neste segundo capítulo objetivamos falar da poesia infantil atrelada à presença dos animais e do humor. Vimos anteriormente como a Literatura Infantil estava marcada fundamentalmente por um caráter moralizante e pedagógico, no entanto, com o advento de alguns autores esse cenário sofre mudanças que estabelecem o marco do surgimento da literatura eminentemente infantil. Nesse capítulo pretendemos demonstrar a importância da presença dos animais, bem como do humor na poesia infantil, aspectos esses que aproximam ainda mais a poesia do seu público, ou seja, da criança.

### **2.1 A presença dos animais na Poesia Infantil**

Após termos descrito anteriormente o breve percurso da Literatura Infantil no Brasil, voltaremos nosso olhar para a temática dos animais, mesmo sabendo da diversidade de temáticas abordadas no cenário literário infantil, como a relação da criança com a natureza, o tema da amizade, as brincadeiras e brinquedos infantis, a relação com a comida, dentre outras. Apesar dessa grande variedade de temas enfatizamos que o nosso olhar está direcionado à temática dos bichos, pois percebemos que atualmente são muitos os poemas infantis voltados ao assunto.

Nas primeiras fases da vida ouvir e ler histórias é algo encantador. Quando crianças, ouvíamos nossos pais nos contando historinhas antes de dormir, ou mesmo quando alguém nos contava uma história a partir de um livro de imagens que olhávamos, tudo isso constituía algo tão fantástico, pois sabemos que fantasias e mistérios na maioria das vezes, divertem e ensinam. Nessas histórias são comuns a presença de árvores que falam, animais que tem sentimentos, insetos que agem tal qual os homens, enfim, a presença de tais elementos parecem indispensáveis ao imaginário infantil.

No livro *a Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bruno Bettelheim (2012) se propõe a analisar a influência e a relevância dos contos para o universo infantil. Partindo de uma análise psicanalítica o autor examina vários contos infantis descrevendo como as crianças elaboram diversos tipos de fantasias a partir da

narrativa fantástica do conto. Cabe notar que diversos contos de fadas estão repletos de figuras de animais que assumem aspectos humanos (animismo) o que fortalece a tese da importância dos animais na Literatura Infantil como forma de estimular tal leitor. Como afirma Bettelheim (2012):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado, e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas que esses contos à vida da criança. (BETTELHEIM, 2002, p. 20)

Como vimos anteriormente, a Literatura Infantil atravessa um percurso histórico no qual desde o seu surgimento, passando pela fase em que era marcada fundamentalmente por um caráter pedagógico e moralizante, vem por fim a emancipar-se, tornando-se de fato uma Literatura Infantil na mais plena acepção deste termo. Para Coelho (2000): “A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

Na concepção de Abramovick a literatura é algo livre e prazeroso, despreendida das amarras da formalidade, mas ao mesmo tempo comprometida em “abrir as portas da compreensão do mundo”. Segundo a autora:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo) (ABRAMOVICK, 2004).

Sabemos que existem várias formas de se fazer Literatura Infantil, através do conto, da fábula, ou mesmo da prosa. Entendemos também que todas essas formas são igualmente válidas e profícuas desde que respeitem as



particularidades inerentes ao público infantil. Aqui propomos destacar a poesia como meio privilegiado de se aproximar da criança.

A esse respeito Pinheiro (2000), chama a atenção para a importância da poesia e do seu potencial para atrair a atenção da criança. Segundo Paes (apud PINHEIRO, 2000, p. 13), “A poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta delas”. É, sobretudo a partir do objeto lúdico e fantástico que tal objetivo é alcançado, na medida em que aproxima o mundo social e cultural ao universo infantil através da poesia. Nesse sentido a presença dos animais e também do humor se inscrevem nesse contexto, facilitando ainda mais a apreensão por parte do infante do universo social que o cerca, uma vez que são dois elementos bastantes presentes no mundo infantil.

Segundo Pinheiro (2012, p. 77) “Da Grécia antiga, passando por La Fontaine, incursionando pela literatura popular oral, os bichos têm uma presença constante e essencial”. Ou seja, a presença dos animais devia-se, sobretudo, a convivência entre pessoas e bichos naquela época. Ainda segundo o autor, os “folhetos” advindos da tradição oral e da literatura de cordel tratam da época em que “os bichos falavam”, este viés despertou o imaginário dos nossos poetas eruditos.

Especificamente no que diz respeito à poesia infantil brasileira podemos destacar alguns autores que trabalharam com a temática, quais sejam, Olavo Bilac, Sidônio Muralha, José Paulo Paes, Sérgio Caparelli, dentre outros.

Olavo Bilac traz em meio a sua obra *Poesias Infantis* (1996<sup>4</sup>), poemas que remetem à temática dos animais, como podemos citar: *O pássaro cativo*, *A borboleta*, *As formigas* e *O boi*, porém afirma no texto denominado “Ao leitor”, não ter escrito poemas em que os animais falam. Observemos de que forma o animal é retratado no poema- O boi- de Bilac:

### **O boi**

Quando ainda no céu não se percebe a aurora,

E ainda está molhando as árvores o orvalho,

---

<sup>4</sup> Esse ano corresponde a data de uma de suas edições, ou seja, não se refere ao ano de publicação da obra.

Se pelo campo afora  
O boi, para o trabalho.  
Com que calma obedece!  
Caminha sem parar:  
E o sol, quando aparece,  
Já o encontra, robusto e manso, a trabalhar.  
Forte e meigo animal! Que bondade serena  
Tem na doce expressão da face resignada!  
Nem se revolta, quando o lavrador, sem pena,  
Para o instigar, lhe crava a ponta da aguilhada.  
Cai-lhe de rijo o sol sobre o largo cachaço;  
Zumbe moscas sobre ele, e picam-no sem dó;  
Porém, indiferente às dores e ao cansaço,  
Caminha o grande boi, numa nuvem de pó.  
Lá vai pausadamente o grande boi marchando...

E, por ele puxado,  
Larga e profundamente o solo retalhando,  
Vai o possante arado.  
Desce a noite. O luar fulgura sobre os campos.  
Cessa a vida rural.  
Há estrelas no céu. Na terra há pirilampos.  
E o boi, para dormir, regressa ao seu curral...

(Poemas Infantis, 1996)

Na primeira estrofe percebemos um eu-lírico contemplativo dos campos, o qual descreve o amanhecer do dia, quando a noite anterior mal tinha se findado. Entre os campos vem o boi lentamente, obedecendo a seu dono, guia, que o leva ao trabalho. O eu-lírico descreve o boi como um animal forte, manso, meigo,

sereno, adjetivos que levam as crianças a visualizar o boi como um bom animal, dócil, amigo, apesar do seu imenso tamanho.

O poeta passa a descrever o duro trabalho do animal, o lavrador que o pune com o agulhão, o sol que o castiga e as moscas que o atanzam e picam, mas com tudo isso, o boi parece não se importar, e sem revolta, continua a caminhar, demonstrando uma leveza natural, ainda que carregando todo o peso do dia de trabalho. E assim finda o dia para esse animal tão resignado, do regresso do campo ao seu local de descanso, o curral.

Desta forma, entendemos que o autor do poema acima destacado, traz ensinamentos de como o trabalho é feito, sem destacar o sofrimento do animal, o autor demonstra o árduo trabalho, porém sem reclamação e desobediência do bichinho. Podemos destacar também a existência de uma lição moral por trás do poema *O Boi*. Ao descrever o animal desempenhando forte e dura jornada de trabalho, mas sem qualquer indício de queixa, pelo contrário, com (a doce expressão da face resignada), não estaria o autor querendo inculcar nas crianças valores sociais de obediência e servidão resignadas?

Nesse sentido percebemos a acentuação do caráter pedagógico da poesia infantil bilaciana. A forma da poesia infantil utilizada por Bilac ainda é distante da linguagem dos infantes, visto que o poema acima - O boi – apresenta rimas cruzadas (ABAB) que chamam bem nossa atenção, ‘saltando aos olhos’ a cada verso lido (aurora/aflora, orvalho/trabalho), todavia as palavras utilizadas nem sempre fazem parte do vocabulário infantil, como: (aurora, orvalho, resignada, agulhada, instigar, rijo, fulgura), além do poema não conter assonâncias, repetições, paralelismos, aspectos que chamariam mais facilmente a atenção das crianças.

É possível perceber que o caráter fantástico da Literatura Infantil, muitas vezes observado em poemas repletos de personificações também chama a atenção deste público, uma vez que liberam o imaginário infantil, promovendo uma maior interação com o texto, auxiliando na elaboração de alguns processos subjetivos inerentes ao universo da criança. Como defende Bettelheim:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada

com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (...) (BETTELHEIM, 2012, p.13).

Sidônio Muralha é um exemplo de como sua poesia está atrelada ao mundo infantil, no sentido que o autor escreve tendo em vista o público que irá ler, ou seja, a linguagem da poesia difere da linguagem para adultos. Na poesia para crianças, o poeta demonstra conhecer intimamente o universo infantil e se aproxima o máximo possível do universo da criança-leitora. Como observamos no poema abaixo:

### **Xadrez**

É branca a gata gatinha  
 É branca como farinha.  
 É preto o gato gatão  
 É preto como o carvão.  
 E os filhos, gatos gatinhos,  
 São todos aos quadradinhos.  
 Os quadradinhos branquinhos  
 Fazem lembrar mãe gatinha  
 Que é branca como a farinha.  
 Os quadradinhos pretinhos  
 Fazem lembrar pai gatão  
 Que é preto como carvão  
 Se é branca a gata gatinha  
 E é preto o gato gatão,  
 Como é que são os gatinhos?  
 Os gatinhos eles são,  
 São todos aos quadradinhos.

(A televisão da bicharada, 1997)

No poema acima percebemos primeiramente que não se trata de um poema longo, seus versos curtos não trará cansaço à criança que fizer uma leitura. O eu-lírico compõe rimas emparelhadas (AABB), preza por uma linguagem simples que se aproxima da linguagem infantil e a musicalidade adquirida por meio das rimas chama bastante a atenção do público mirim, visto que esse aspecto encanta todo e qualquer infante.

Outro aspecto importante é a temática utilizada, falar dos animais com crianças, acreditamos que aproxima qualquer ser humano desse público, pelo fato da grande maioria gostar de algum bichinho, por criar animais em casa, ou por gostar de imitá-los, através de gestos ou sons.

A assonância nas vogais (a, i, o) observadas nas palavras (branca, gata, gatinha, farinha/ gato, gatão, preto carvão/ filhos, gatinhos, quadradinhos, branquinhos) chama bem a atenção das crianças, além do autor utilizar de forma proposital muitos nomes no diminutivo e aumentativo (quando se trata do gato macho), essa linguagem é bem característica do mundo infantil. Ainda podemos citar o aspecto do paralelismo, pela repetição constante dos versos (É branca a gata gatinha/ É branca como farinha/ É preto o gato gatão/ É preto como o carvão).

Aguiar (2001, p. 131), defende que: “(...) a poesia infantil só estará plenamente realizada se for capaz de se aproximar do leitor, criar imagens, sons e ritmos que o façam brincar com a linguagem e descobrir novas formas de se relacionar com o mundo.”

Por entender que a temática dos bichos se inscreve nessa proposta de Aguiar acima citada, bem como fundamentados no pensamento de autores como Pinheiro (2012) e Held (1980), acerca da presença dos bichos na poesia infantil é que resolvemos trabalhar com a temática dos animais. Pois, além de ser adequada ao público mirim, por seus versos curtos, rimas, assonâncias, paralelismos, musicalidade, o bom humor, dentre outras ricas características, a poesia que retrata o mundo animal traz consigo a proximidade das crianças, como também um tom humorístico através do animismo apresentado. Segundo Pinheiro (2000, p.16): “Sidônio Muralha, com apenas dois livros, oferece-nos poemas de grande valor e foi, possivelmente, quem explorou a nossa fauna aliando fantasia poética, humor e profundo senso humanístico”. Conforme Granadeiro (2001):

Nos primeiros anos da infância, a garotada assimila mais facilmente enredos que tenham crianças como personagens ou animais com características humanas, como fala e sentimentos. Dos 3 aos 6 anos, as histórias devem abusar da fantasia com reviravoltas freqüentes na trama. A partir dos 7, valem as aventuras e fábulas mais elaboradas (GRANADEIRO, 2001).

Entende-se, portanto, que a temática dos animais cumpre bem seu papel com proposta da presença do lúdico e do fantástico como fatores de aproximação e identificação do público infantil, visto que é comum observarmos no comportamento infantil a presença constante do animismo, por exemplo, quando a criança atribui características humanas aos animais e as coisas, revelando assim uma inclinação natural para o fantástico e para o lúdico. Held (1980, p. 105) afirma que “Se o animismo infantil personifica a pedra, a planta, o astro, o objeto inerte fabricado pelo próprio homem, sua predileção – isso foi dito muitas vezes – é pelo animal (...)”.

Pinheiro (2000, p. 21) afirma que “Em meio a escritores vivos e em constante produção, destacamos a obra do gaúcho Sérgio Capparelli. Sua produção poética para crianças é das mais significativas (...)”. Na obra *111 poemas para crianças* de Capparelli, identificamos a constante presença dos animais, além de ser dedicado um capítulo da obra que aborda o referido tema com mais de 14 poemas espalhados pelo livro que remetem a temática dos bichos. Segundo Pinheiro:

Há poesia onde houver experiências significativas e alguém capaz de dar-lhe expressão adequada. E é preciso redescobri-las a cada instante e comunicá-las aos jovens leitores. Um bom tema ou um tema atual não garante boa poesia. Mas tratado com sensibilidade, esse tema poderá nos dizer muito de nossa condição (PINHEIRO, 2000. p. 26).

Percebemos que Capparelli utiliza bastante em sua obra a tematização dos animais, conferindo a esse assunto um humor fantástico, além de apresentar outros recursos literários que encantam o universo infantil como as rimas, fantasias, os deslocamentos, ludismos, dentre muitos outros. Para tanto, discorreremos adiante sobre esse aspecto tão grandioso que atravessa muito da nossa literatura brasileira – o humor. Ressaltamos as seguintes observações acerca da obra *111 poemas para crianças* de Capparelli, encontradas na sinopse feita pela editora L&PM<sup>5</sup>:

---

<sup>5</sup> Citação encontrada no endereço:

[http://www.lpm.com.br/site/imprimir.asp?Template=../livros/layout\\_produto.asp&CategorialD=648474&ID=845152](http://www.lpm.com.br/site/imprimir.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategorialD=648474&ID=845152)

A seleção de poesias permite às crianças a compreensão de como é vasto do domínio da arte poética, que pode cativar tanto pela emoção, quanto pela esperteza de jogos de palavras e de sons, como por sublinhar fenômenos especiais ou mostrar acontecimentos diários e cotidianos da nossa vida. Com projeto gráfico da designer Ana Cláudia Gruszynski, *111 poemas para crianças* é inteiramente ilustrado.

Por isso o nosso desejo de analisar a presença dos bichos e do humor na obra de Sérgio Capparelli, pela riqueza de elementos que estimulam a imaginação, o riso, o jogo com as palavras, contribuindo para aproximar a literatura do universo infantil.

## 2.2 A presença do humor na Poesia Infantil

*“A maioria das pequenas fórmulas que tentam ensinar a criança a rir, o que significa que colocar como princípio que o humor, a ironia, a alegria são, para ela, aquisições indispensáveis que lhe permitirão dominar seus problemas e confiar na vida”*

*Marc Soriano*

Esse outro aspecto que iremos abordar agora não está dissociado da presença dos animais na poesia infantil, pois muitas vezes tal presença, por si só, já evoca o riso no infante. Por outro lado ao se trabalhar o humor separadamente, faz-se recair uma ênfase sobre um ponto indispensável quando o assunto é poesia infantil. Não restam dúvidas de que, para além de tantas tentativas de pedagogização e moralização incutidas na produção literária destinada ao público infantil, é somente com a presença do ludismo, cujo humor sem sombra de dúvidas é um de seus principais representantes, que de fato podemos falar de uma produção literária eminentemente infantil. Segundo Paes (apud SILVA, 2000, p. 83): “O humor constitui o **principal** ingrediente da Literatura Infantil, já que o gosto de rir possibilita à criança a alegria de viver”. (grifo nosso)

Nesse sentido então podemos nos perguntar: de que maneira o humor é suscitado na poesia infantil? Existe um ganho ao fazer poesia infantil recheada de recursos humorísticos para alcançar a criança? Nosso objetivo, portanto, é tentar responder, não exaustivamente, a tais questionamentos, objetivando destacar o humor como elemento fundamental na produção de poesia destinada a crianças.

Em primeiro lugar percebemos que o universo infantil tal como o concebemos atualmente é representado, em certo sentido, como um mundo à parte do universo adulto. No universo infantil existe, sem sombra de dúvidas, uma grande profusão de construções imaginárias, fantásticas e um apego a tudo aquilo que faz rir, revelando desta forma que o lúdico é algo inerente a vivência da criança. Conforme Silva (2000) em seu artigo *Em busca da surpresa e do humor*:

Ao lançar um olhar mais detido sobre a poesia do poeta destinado à infância, percebemos que ele joga com letras, fonemas e palavras conferindo-lhes novos sentidos e criando efeitos de surpresa que, por sua vez, desencadearão no humor, traço que marcará não só sua poesia para crianças, mas também a que se destina ao público adulto (SILVA, 2000, p. 83).

Desta forma então, não haveria uma maneira melhor de aproximar o leitor mirim ao texto poético do que usar as potencialidades (riso, fantasia, brincadeira) que o infante espontaneamente apresenta como predisposição natural e subjetiva. Sendo assim, todo autor que se vale de recursos como ludismo, fantasia, humor, demonstra uma sensibilidade e compreensão das necessidades mirins, vindo a alcançar um êxito maior, no nosso entender, do que os que abrem mão de tais artifícios.

Mas o que é o humor? Talvez não tenhamos elementos suficientes, até aqui, para afirmar claramente o que é esse elemento, mas não restam dúvidas que geralmente quando o mesmo está presente em um texto poético, podemos sentir os seus efeitos. A criança ao se debruçar sobre um texto poético cujo humor está presente, pouco a pouco vai sendo encorajada a continuar a leitura, pois cada linha, cada palavra, cada verso sempre pode trazer uma nova surpresa, algo que vai tornando prazerosa a leitura. Uma das principais formas de ludismo na poesia para crianças é o ludismo sonoro, como destaca Silva (2000):



O ludismo sonoro é um dos traços principais desse gênero. Podemos afirmar, então, que a oralidade é a porta de entrada para a criança manter contato com a poesia. O ritmo chama sua atenção, toca a sua sensibilidade, produz o encantamento que certamente conduzirá a novas leituras (SILVA, 2000, p. 91).

Nesse sentido Silva apresenta a ideia de que a poesia já constitui em si algo lúdico, quando afirma que: “[...] assim como o jogo, a poesia é uma atividade lúdica, pois ambos se situam no mesmo plano: o da ludicidade” (2000, p. 82).

Autores que abordam a temática do humor sustentam a ideia de que é algo eminentemente humano, é apenas na experiência humana que o riso é possível. Conforme Propp (1976, p. 38): “[...] o cômico sempre, direta ou indiretamente, está ligada ao homem. A natureza inorgânica não pode ser ridícula porque não tem nada em comum com o homem”. Freud por sua vez entende que o riso está atrelado às relações sociais, segundo ele: “O cômico aparece, em primeira instância, como involuntária descoberta, derivada das relações sociais humanas. É constatado nas pessoas – em seus movimentos, formas, atitudes e traços de caráter [...]” (FREUD, 1905, p. 178). Percebemos também que geralmente nas situações de humor há sempre uma depreciação do objeto tomado como motivo da zombaria. Quer seja por comparação ou por paródia, ironia ou sarcasmo, há sempre algo de rebaixamento dirigido ao objeto do riso.

Em seu ensaio sobre o humor (1996), Freud desenvolve a ideia de que a atitude humorística funciona como uma forma de se sobrepujar a realidade que nos parece aterrorizante ou amedrontadora através do cômico. Segundo Freud (1996, p. 166): “O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do *eu*, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais”. Não estaria, portanto, a criança diante de um texto que lhe suscita humor agindo desta maneira? Ao brincar com situações que na vida real pareceriam amedrontadoras o infante consegue dominar os elementos externos e sobrepujá-los através do riso e, nesse sentido, seria a pura expressão do triunfo do princípio do prazer, mecanismo psicológico predominante no funcionamento infantil. Ainda o autor, afirma que:

O principal é a intenção que o humor transmite, esteja agindo em relação quer ao eu quer as outras pessoas. Significa: ‘Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de

crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!  
(FREUD, 1996. p. 169).

Outra maneira de se despertar o humor na poesia infantil é a partir do arranjo formal das palavras, ou seja, das rimas, repetições, assonâncias, aliterações, ritmos, etc. Propp (1992) destaca o calembur (jogo de palavras) como um aspecto importante o qual surge do emprego de meios propriamente linguísticos que acabam por gerar o cômico. Para ele, “no calembur o riso é despertado quando em nossa consciência o significado mais geral da palavra passa a ser substituído pelo significado exterior, ‘literal’”. Podemos exemplificar com o poema popular<sup>6</sup> abaixo:

No alto daquele cume  
Plantei uma roseira  
O vento no cume bate  
A rosa no cume cheira

Quando vem a chuva fina  
Salpicos no cume caem  
Formigas no cume entram  
Abelhas do cume saem

Quando vem a chuva grossa  
A água do cume desce  
O barro do cume escorre  
O mato no cume cresce

Então quando cessa a chuva  
No cume volta a alegria  
Pois torna a brilhar de novo  
O sol que no cume ardia.

(Cláudio Moreno)

No poema acima percebemos o jogo feito com a palavra ‘cume’ que se compreendida em seu sentido real significará (parte mais elevada; cimo, topo), todavia o autor utiliza da repetição desse termo em quase todos os versos para que o efeito do humor seja percebido pelo leitor, já que podemos entender o

<sup>6</sup> Retirado de: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/2612420>, para exemplificar o uso do ‘calembur’. O poema foi escrito recentemente, porém na tradição oral esse tipo de poema já circulava há tempos.

termo 'cume' separando suas sílabas, como parte do corpo humano, juntamente com o pronome oblíquo (me). E dessa forma, o significado geral do termo passa a ser outro que possibilita a causa do riso.

Nessa direção, Propp (1992) ao tratar da comicidade, ressalta o que não se adequa a um padrão normal, ou o que vai contra a harmonia da natureza provoca o riso. Como também, a animalização/ coisificação do humano, visto que são outras formas de constituição da comicidade. Do mesmo modo, a humanização do animal também gera o riso. Observemos no poema de José Paulo Paes:

### Cemitério

1

Aqui jaz um leão  
chamado Augusto.  
Deu um urro tão forte,  
mas um urro tão forte,  
que morreu de susto.

2

Aqui jaz uma pulga  
chamada Cida.  
Desgostosa da vida,  
tomou inseticida:  
Era uma pulga suiCida.

3

Aqui jaz um morcego  
que morreu de amor  
por outro morcego.  
Desse amor arrenego:  
amor cego, o de morcego!

4

Neste túmulo vazio  
jaz um bicho sem nome.  
Bicho mais impróprio!  
tinha tanta fome,  
que comeu-se a si próprio.

(José Paulo Paes, 1994)

O poema acima de Paes é primeiramente um exemplo de como a poesia para crianças deve ser construída, sem marcas de moralização, e, sobretudo é fascinante por tratar de uma temática tão mórbida como a *morte* de forma tão

divertida. O autor utiliza do caráter lúdico para demonstrar a morte de quatro animais, ainda observamos o fato dos animais apresentarem nomes e características humanas 'Aqui jaz um leão/ chamado Augusto, Aqui jaz uma pulga/ chamada Cida', 'Desgostosa da vida/ tomou inseticida' morreu de amor/por outro morcego'. Essas ações humanas adquiridas por animais se caracterizam, no poema infantil, como animismo, peculiaridade da poesia para crianças que diverte o leitor.

Pinheiro (2000, p. 11) destaca que "Nas décadas de 80 e 90, houve um aumento significativo de livros de poemas para crianças". Tal crescimento é acompanhado por temáticas sempre recorrentes como brincadeiras infantis, temas cotidianos, animais, entre outras, sendo essas temáticas geralmente acompanhadas da presença do humor como recurso de aproximação a este público. E, alguns dos elementos mais recorrentes na poesia infantil são as rimas, aliterações, assonâncias, musicalidade, ludismo, jogos dramáticos, fantasias, etc. Há que se notar que tais recursos, em grande medida, servem ao humor, ou produzem um efeito humorístico.

A esse respeito podemos afirmar então que o humor é um recurso específico e relevante, presente na Literatura Infantil, esse elemento cômico merece nossa atenção, pois suscita no leitor e/ou ouvinte sensações de prazer. Segundo Held (1980):

O humor, já dissemos e repetimos, supõe distância com referência a si mesmo. Ora, a criança pequena, afirmaremos, é egocêntrica, atribui tudo a ela, sente, vive e pensa o mundo em função do seu prazer, do seu interesse próprio, da suprema importância que se dá. (HELD, 1980a, p. 181).

Nesse sentido podemos dizer que é no ouvinte, expectador ou leitor que o efeito de humor é desencadeado, é ele quem imprime o aspecto cômico ao fato observado ou lido. Portanto, a atitude humorística consiste numa forma do *ego* (eu) se recusar a ser apoquentado pelas provocações da realidade. Ainda a autora Held:

Assim como a atitude humorística dos pais, o humor do álbum, e depois do livro, poderão auxiliar muito a criança a tomar, progressivamente, diante de sua pequena pessoa, de suas pequenas infelicidades cotidianas, essa distância, esse recuo que lhe serão tão necessários na existência (HELD, 1980b, p. 182).

Desta forma, não proporcionar o contato da criança com relação à poesia, bem como à temática do humor, é problemático, pois o mundo infantil, tal como o mundo poético, é permeado de imagem, fantasia e sensibilidade. Privá-la disso, de ter contato com essa linguagem lúdica, sonora e humorística significa restringir as possibilidades de criação e desenvolvimento da criança, uma vez que é um tipo de texto imprescindível para sua formação, como aponta mais uma vez Held:

O humor, como dissemos, torna a criança criadora. É instrutivo observar, com efeito, como ao nível da linguagem e da atitude crítica a criança que, no interior da família, foi habituada cedo, por suas leituras e suas brincadeiras à manipulação do fantástico, torna-se, então, capaz de reutilização pessoal criadora e defensiva diante do mundo que a cerca (HELD, 1980c, p. 190).

Sendo assim podemos afirmar que fica clara a importância da presença do humor como elemento facilitador da relação entre a criança e o mundo externo, pois, é também através do riso que o infante vai dominando progressivamente os elementos da vida social que de outra forma lhe pareceriam amedrontadores e a poesia que contém tal recurso nos parece mais agradável e próxima da realidade infantil.

### **CAPÍTULO III – A PRESENÇA DOS ANIMAIS E DO HUMOR NA OBRA *111 POEMAS PARA CRIANÇAS* DE SÉRGIO CAPPARELLI**

Neste capítulo iremos analisar alguns poemas do capítulo “Esses animais divertidos”, referente à obra *111 poemas para crianças* do autor Sérgio Capparelli, de modo a verificar a maneira como os animais são apresentados na obra, além de examinar se o elemento do humor também está presente atrelado a temática dos bichos.

#### **3.1 Conhecendo Autor e Obra**

Ao longo deste trabalho traçamos um caminho percorrido pela Literatura Infantil, tendo em vista que para sua origem, foi necessário um novo olhar atribuído à criança, ou ao conceito do que é ser infantil. Desse modo, prosseguimos com a descrição de como a literatura foi arquitetada, inicialmente atrelada à concepção didática/moralizante, para posteriormente vir a se tornar livre, escrita e lida por puro prazer, entendendo o ‘ser’ criança como um público diferenciado, necessitado de uma linguagem específica e temáticas inerentes ao seu mundo, ou seja, ao cotidiano infantil.

Atualmente, a literatura para criança é, de fato, voltada para esse público, na qual aspectos considerados parte do universo infantil são levados em consideração, como por exemplo: ludismos, fantasias, musicalidade, jogos dramáticos, humor, dentre outros. Sendo assim, apreciamos que na poesia infantil podemos encontrar cada um desses elementos, o que permitirá uma melhor aproximação do texto literário com o infante. Aguiar (2001, p. 131) nos diz que:

(...) a poesia infantil só estará plenamente realizada se for capaz de se aproximar do leitor, criar imagens, sons e ritmos que o façam brincar com a linguagem e descobrir novas formas de se relacionar com o mundo.

Além dos tantos aspectos citados inerentes à poesia que a aproxima do público infantil, ainda podemos afirmar que é um gênero apropriado pelo fato de

utilizar uma linguagem simples, própria para criança, com suas estrofes e versos ela consegue envolver o leitor em um texto breve, no qual poderão perceber geralmente rimas, formas, repetições dentre outras características que não entedia o leitor mirim.

Sendo assim, propusemo-nos analisar a poesia de Sérgio Capparelli<sup>7</sup>, por ser ele um dos principais nomes da poesia infantil contemporânea, como também pelo reconhecimento do valor de suas obras; trata-se de um autor brasileiro que vem sendo conhecido com o passar dos anos, apesar de ser reconhecido como grande escritor da Literatura Infantil e juvenil, tendo em vista os muitos prêmios<sup>8</sup> concernentes a sua poesia.

Nesse sentido, escolhemos analisar alguns poemas da obra *111 poemas para crianças*, pelo fato de ser uma antologia, na qual reuni uma grande parte de sua produção literária. Desta forma, podemos conhecer melhor as características de suas composições, além de ser uma obra na qual o autor selecionou poemas de seu apreço recolhidos de livros anteriores.

Desde suas primeiras obras, Capparelli enfoca temas comuns/pertencentes ao universo infanto-juvenil, como situações “cotidianas”, relação da criança consigo mesma e com outras crianças, com a natureza e os animais que as cercam, a cidade em que vive, dentre outros. Sua obra explora a temática dos animais, aborda com humor os assuntos propostos, cultiva o ludismo e as fantasias, as adivinhas e as vivências infantis, o ilogismo e a brincadeira com a sonoridade, com a imagem e com o sentido das palavras. E, desta forma, encantou o público infantil, por apresentar um livro “recheado” de imagens, cores, títulos inventivos, entre outros aspectos, e ainda, pelo fato do autor proporcionar à suas obras, uma leitura maleável, versátil e original. Segundo Bordini (1989): “[...] na poesia, o aprendizado possível se produz pela própria estrutura do poema, que

---

<sup>7</sup> Sérgio Capparelli nasceu em Uberlândia, 11 de julho de 1947 é um escritor de literatura infanto-juvenil, jornalista e professor universitário brasileiro. Tem mais de trinta livros publicados, entre eles *Os meninos da Rua da Praia* (36ª edição), *Boi da cara preta* (29ª edição), *Vovô fugiu de casa* (17ª edição), *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (7ª edição), *As meninas da Praça da Alfândega* (9ª edição) e *O velho que trazia a noite* (7ª edição).

<sup>8</sup> 2004 Láurea "Altamente Recomendável", pelo livro *111 Poemas para Crianças*. FNLIJ Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.; 2005 Prêmio Jabuti de Literatura Infanto-Juvenil, Duelo do Batman contra a MTV, Editora LPM., Câmara Brasileira do Livro. Dentre outros. (Fonte: <http://www.capparelli.com.br>).

seduz e estimula o leitor fisicamente pelos ritmos e efeitos acústicos e intelectuais e afetivamente pelas representações ou vivências que suscita”.

### 3.2 Mãos à Obra: Análise de Poemas

A leitura da poesia para crianças, desperta a sensibilidade e os valores estéticos, aprimora os sentimentos, aguça as percepções, brinca com o imaginário, materializa o prazer, levando os “pequenos” a sentirem o prazer da poesia. Dito isso, vos convido a observar e analisar abaixo, o poema *Meu cavalo come-vento*, de Sérgio Capparelli:

Meu cavalo  
Come-Vento  
Come vento  
Pela estrada.

Meu cavalo  
Come-Vento  
Come vento  
Em disparada.

Meu cavalo  
Come-Vento  
Tem a crina  
Arrepiada.

Meu cavalo  
Come-Vento  
Come vento  
E pó da estrada.

- Vai cavalo,  
Come Vento,  
Nesta noite  
enluarada!

Inicialmente podemos afirmar que o poema preza por uma linguagem fácil, realmente voltada para as crianças, apresenta também uma pequena estrutura composta por cinco estrofes com quatro versos cada. É evidente o ritmo intrínseco nesta poesia, quando o público infantil ler seus versos, no mesmo instante poderá imaginar a figura de um cavalo cavalgando em um ritmo cada vez mais acelerado, percebe-se isso quando, se lê a harmonia das sílabas tônicas



das palavras em cada verso, pela repetição do termo (Meu cavalo/come-vento), pela métrica (3 sílabas em todos os 3 primeiros versos e 4 sílabas nos últimos versos) e pela frequente alternância dos sons abertos e nasais *alo, ento, ada*. Esse elemento é produzido intencionalmente pelo eu-lírico no plano sonoro da linguagem, conferindo uma beleza ímpar ao gênero lírico.

Percebendo a riqueza deste poema, destacamos ainda as rimas construídas entre estrofes, na leitura percebe-se que há rima entre os últimos versos de cada estrofe (Pela estrada/Em disparada/Arrepiada). A insistente repetição dos versos confere o tom brincalhão do poema, aproximando da linguagem infantil, visto que o elemento da repetição é típico desse universo.

A temática dos animais é apropriada aos infantes, tendo em vista a representação que se criará do cavalo no imaginário infantil, de andar pela estrada e aos poucos apressar seu passo, com sua crina arrepiada, vai sozinho pela noite enluarada. A partir do tema, o eu-lírico construiu ritmos, fantasias, ludismo, dentre outros aspectos já mencionados. Desta forma, podemos afirmar que todas essas características observadas evidenciam uma preocupação por parte do poeta Capparelli em aproximar ao máximo sua poesia do universo infantil, proporcionando encantamento e prazer ao leitor mirim. Segundo Pinheiro (2007, p. 22): “Para o poeta, a função essencial da poesia está em que ‘possamos nos assegurar de que essa poesia *nos dê prazer*”.

A brincadeira, o lúdico e o humor são elementos inseparáveis do mundo infantil, a criança brinca, fantasia e ri a todo instante de coisas cotidianas, de desenhos que assistem, de histórias que escutam, de passeios que fazem, etc. Construir poemas que incute o aspecto do lúdico, da brincadeira, chamará sem dúvida o infante ao encantamento pelos versos, posto que o universo da criança está sempre permeado desses elementos. Observemos o poema *O buraco do tatu*, de Sérgio Capparelli:

O tatu cava um buraco  
 À procura de uma lebre,  
 Quando sai pra se coçar,  
 Já está em Porto Alegre.

O tatu cava um buraco,  
 E fura a terra com gana,  
 Quando sai pra respirar,

Já está em Copacabana.

O tatu cava um buraco  
E retira a terra aos montes,  
Quando sai pra beber água,  
Já está em Belo Horizonte.

O tatu cava um buraco,  
Dia e noite, noite e dia,  
Quando sai pra descansar,  
Já está lá na Bahia.

O tatu cava um buraco,  
Tira terra, muita terra,  
Quando sai por falta de ar,  
Já está na Inglaterra.

O tatu cava um buraco  
E some dentro do chão,  
Quando sai pra respirar,  
Já está lá no Japão.

O tatu cava um buraco.  
Com as garras muito fortes,  
Quando quer se refrescar,  
Já está no Polo Norte.

O tatu cava um buraco,  
Um buraco muito fundo,  
Quando sai pra descansar,  
Já está no fim do mundo.

O tatu cava um buraco,  
Perde o fôlego, geme, sua,  
Quando quer voltar atrás,  
Leva um susto, está na Lua.

Este segundo poema que analisamos, podemos compreender sua grandeza em relação à temática dos animais. Capparelli consegue adentrar no universo infantil com suas palavras e versos, tornando-se simples, agradável e prazeroso de ler e ouvir. O tom brincalhão com que o poema é tratado coincide em muitos outros escritos e, dessa forma, aponta as intenções da abordagem temática lúdica que perpassam a obra como um todo. Segundo Klauck (2013): “A brincadeira, apoiada em diferentes conteúdos, conduz a diversas direções, através de uma série de tópicos que se colocam em uma relação com o universo da criança”. O lúdico é abordado por meio de assuntos que se relacionam aos

interesses infantis, como a presença dos animais, fazendo com o que o poema revele-se para o pequeno leitor pelo tom engraçado com que admite os assuntos que envolvem seu mundo. Segundo a autora Bordini:

O universo da infância é de fato uma esfera separada da vida adulta, que a constitui, mas tem sua própria especificidade, e a poesia que a ele é endereçada deixa transparecer essa diferença (BORDINI, 2003, p. 69)

Sua poesia constitui-se de diversos elementos, tanto estruturais, quanto formais que permite a criança o gosto e o encantamento pela Literatura Infantil, podemos observar isso quando analisamos o poema acima destacado. Primeiramente, apreciamos a composição de seus versos e estrofes. Todos os versos são construídos em redondilha maior, ou seja, sete sílabas poéticas, forma considerada a mais simples metricamente em língua portuguesa, segundo Goldstein (2003). A organização em quadras e o esquema de rimas alternadas A/B/C/B abrangem o trabalho sonoro, o ritmo e a versificação, aspectos esses que para os infantes são necessários para o envolvimento com a poesia.

Além disso, podemos afirmar outros aspectos que divertem a criança ao ler/ouvir o poema *O buraco do tatu*, isto é, o paralelismo encontrado em todas as estrofes (O tatu cava um buraco/Quando sai pra), a repetição concede o humor ao poema, visto que o infante pode brincar com as respostas que irão completar o verso (Quando sai pra...). Conforme Pinheiro (2010, p. 247): “o lúdico, a brincadeira, muitas vezes deixa entrever o desejo de um mundo mais harmonioso, menos mecânico (...)”.

Ainda compreendemos que o conteúdo do poema descrito poderá divertir e alcançar o público infantil. A maneira como as estrofes se desenvolvem até o fim do poema é muito importante e curioso, já que o espaço geográfico do animal (tatu) se modifica a cada estrofe; começa a cavar um buraco em Porto Alegre, e acaba por perpassar diversos lugares do mundo, mas quando já está por se encerrar o poema o ‘tatu’ está distante, o espaço geográfico mencionado agora é (Pólo Norte/ fim do mundo), e o último verso que promoverá o humor, pelo fato de tanto cavar o ‘tatu’ (Leva um susto, está na lua). Ou seja, o autor utilizou diversos lugares, cada vez mais distantes, brincando com o imaginário infantil quando registra que o tatu some dentro do chão e dessa maneira chega ao Japão, ao

cavar muito fundo o animal chega ao fim do mundo e por fim chega à lua, Capparelli conhece o universo infantil de perto, uma vez que manifesta a fantasia que as crianças possuem de acreditar na metáfora que o Japão é embaixo da terra e que o fim do mundo é muito distante.

Destacamos neste poema o inesperado das situações e a fantasia que desencadeia o riso, quando o ‘tatu’ vai de um lugar a outro e cada vez mais distante, o ‘absurdo’ faz parte do humor como pudemos verificar nas palavras já mencionadas de Freud e Propp quando afirmaram que o riso é desencadeado a partir de situações que não se adéquam ao padrão da normalidade.

Um terceiro poema que buscamos analisar descreve a história de um cachorro chamado *relâmpago*:

O meu cachorro Relâmpago  
Acordou-se com sarampo.

Veio a dona Manuela:  
Deve ser varicela!

Veio a dona Dora:  
Para mim, catapora!

E a dona Fabíola:  
Mais parece varíola.

Por fim, a veterinária:  
Acho tudo um disparate,  
Pois o cachorro se manchou  
Foi com molho de tomate!

Inicialmente, percebemos que não se trata de um poema longo, com apenas dois versos cada estrofe, com exceção da última. O eu-lírico versa sobre a história de um cachorro que parece estar doente, mas tudo não passa de um mal entendido, descoberto apenas pela veterinária. O vocabulário do texto traz palavras que não encontram barreiras na compreensão infantil, de forma clara e simples, com recorrência de modelos coloquiais, cotidianas da fala, o autor compõe seus versos.

O poema citado apresenta diversos dísticos que brincam com o som das palavras, seus versos rimam entre si, causando um tom lúdico: (Veio a dona Manuel: Deve ser varicela!/ Veio a dona Dora: Para mim, catapora!). Ainda

notamos a presença de outro recurso sonoro, a assonância, percebida na repetição das vogais (a, e, o) em (relâmpago, sarampo/ Manuela, varicela/ Dora, catapora). “Vale ressaltar que a sonoridade, (...) constitui-se num dos principais elementos caracterizadores da poesia para crianças (...)” (SILVA, 2000 p. 90).

Neste poema podemos perceber outros aspectos, no que se refere ao modo como Capparelli aborda os assuntos destinados ao leitor infantil, ou seja, a maneira como o autor discorre sobre as inúmeras doenças inerentes, geralmente, a fase infantil. O autor recorre ao animismo para tratar de doenças (sarampo, varicela, catapora, varíola), comuns ao mundo infantil, desta forma, ele utiliza um tratamento diferenciado, de fato, voltado à criança, sendo assim, o infante conhece e aproxima-se de temáticas consideradas sem graça, inadequadas, que se tratadas de outra maneira não surpreenderia e muito menos encantaria as crianças. Dessa forma, destacamos o exagero das várias doenças mencionadas pelo autor para atrair a atenção do leitor mirim.

Notamos ainda a presença do humor, no que diz respeito às rimas construídas em todo poema, como também no desfecho do mesmo, quando é revelado que a suposta doença é apenas manchas de molho de tomate. Podemos afirmar a quebra de expectativas cujo elemento do humor se sobressai, na última estrofe, visto que se espera algo relacionado a enfermidades.

A respeito da poesia de Sérgio Capparelli, em artigo intitulado “Capparelli: uma poesia que fala”, Espeiorin, Antunes e Furlan (2008) asseguram que:

A construção poética de Capparelli parece ter vida. Sua poesia conversa com o leitor lhe proporcionando olhares, impressões e imagens que por vezes se identificam, vezes fogem de seu universo pessoal ou social. É pura riqueza de pensamento transformado em versos que geram sentimento, prazer. O prazer de se enamorar à sua leitura. (ESPEIORIN; ANTUNES; FURLAN, 2008).

A poesia do autor Capparelli proporciona diversos prazeres ao público leitor infantil, seja através da temática, da sonoridade, da fantasia, do ritmo, do lúdico, do humor, de cada elemento que harmonize com o universo infantil. Capparelli versa sobre diversos conteúdos para as crianças de maneira admirável, pois consegue divertir e acionar o imaginário infantil através das composições de seus versos, das rimas, da utilização do animismo - característica predominante em

muitos poemas – desta forma o infante é aproximado desse tipo de texto literário e despertado para as nuances da leitura infantil. Segundo Held (1980):

Se o animal humanizado permite à criança, na maioria das vezes, libertar-se ao encontrar ou projetar seus desejos e temores pessoais frente à sociedade adulta organizada, é também, em muitos casos, ocasião e suporte que permite transpor, simbolicamente, certo número de situações da vida familiar, especialmente a situação de aprendizagem que sempre a fascina. (HELD, 1980, p. 109)

Dando continuidade as análises dos poemas do autor Capparelli, escolhemos o seguinte: *batatinha aprende a latir*:

O cachorro Batatinha  
Quer aprender a latir  
Abre a boca, fecha os olhos:  
I, I, i, i, i, i, i, i, i, i, i. i. i. i.

O cachorro Batatinha  
Até pensa que latiu.  
Abre a boca, fecha os olhos:  
Iu, Iu, Iu, Iu, Iu, Iu, Iu, Iu, Iu.

O cachorro Batatinha  
Quer latir, acha que errou.  
Abre a boca, fecha os olhos,  
Ou, ou, ou, ou, ou, ou, ou, ou, ou, ou.

O cachorro Batatinha  
Vai latir mesmo ou não vai?  
Abre a boca, fecha os olhos:  
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai.

O cachorro Batatinha  
Late tanto que nem sei...  
Abre a boca, fecha os olhos:  
Ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei.

O cachorro Batatinha  
Até pensa que aprendeu.  
Abre a boca, fecha os olhos:  
Eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu.

Batatinha vai dormir,  
Sonha que late, afinal.

Abre a boca, fecha os olhos:  
Miau, miau, miau, miau.

Neste poema o que podemos perceber de encantador e lúdico para o leitor mirim? Inicialmente, observamos um poema composto por sete estrofes de quatro versos, cuja temática refere-se a um cachorro (batatinha) que tenta aprender a latir. Para isso, o autor emprega figuras de linguagem - onomatopeias (composição de uma palavra que se baseia numa reprodução similar de um som que passa a ser relacionado a ela), ao final de todas as estrofes para reproduzir sons de um cachorro que está aprendendo a latir. A onomatopeia, além de simular os sons de animais e objetos, nesse sentido, também retoma a própria atitude infantil em imitar aquilo que a cerca afim de apreender melhor.

Os versos são intercalados com a repetição como de um refrão que diz (O cachorro Batatinha / Abre a boca, fecha os olhos), as rimas se apresentam no 2º e 4º versos de todas as estrofes. A repetição se aproxima do público infantil, visto que faz parte do aprendizado infantil repetir as palavras ou os sons representados pelo aspecto sonoro das palavras.

O humor é marcado neste poema pela maneira que o cachorro batatinha tenta aprender a latir, primeiro a partir de suas muitas tentativas frustradas de latir e finalmente por achar que conseguiu e pronuncia o ruído de um miado (Miau), som tipicamente dos gatos. Ou seja, o humor é suscitado na medida em que o som do latido é modificado com o decorrer do poema ( iiiiuiui/ iuiuiui/ ouououo/ aiaiaiaia/ eieieieieie/ eueueueue, todavia seu ápice está no estranhamento do som proferido no último verso pelo animal que parece ter aprendido enfim a latir (Miau).

As onomatopeias, portanto, aparecem em muitos dos poemas do autor Capparelli e não somente mimetizam sons do universo infantil, mas, em muitos casos, imitam a fala única da criança, recuperando seus procedimentos de utilização da língua. Não se trata apenas de representar sonoramente elementos da realidade mirim, mas também de retratar a maneira como a criança lida com o discurso, em sua incursão pelo mundo da palavra. As onomatopeias materializam as ideias em reproduções sonoras, e remetem à atitude infantil de se envolver com o mundo – através dos sentidos. Além disso, as representações onomatopaicas endossam experimentações linguísticas da criança; ao tomar conhecimento de novas sonoridades, seja por palavras ou barulhos a seu redor,

ela tende a repeti-los e reinventá-los, muitas vezes tornando-os parte de seu repertório (MELO, 1985).

Por fim, analisemos o último poema escolhido do capítulo “Esses animais divertidos” na obra *111 poemas para crianças* de Capparelli. Para tanto eis o poema crocodilo:

Um crocodilo  
Do Nilo  
Chamado Odilo  
Preferia ser chamado de Odilon.

Um touro zebu  
Chamado Zé Bu  
Andava nu  
Causando um grande rebu.

Uma bruxa  
Gorducha  
Indo pra ducha  
Não se lavou, faltava bucha.

Um dromedário  
Falsário  
Perdeu o horário  
Do avião que seguia pro Cairo.

Um tigre de Bengala  
De bengala  
Ia a Kampala  
E só não foi por falta de mala.

Held afirma que a imaginação e realidade são muito próximas na mente infantil: “para ela, a linha de divisão, real-fictício, só será traçada pouco a pouco” (1980, p. 49). A autora ainda explica que:

A criança nos escapa por entre os dedos, ela nos foge toda vez que não mais a interessamos: a menininha, aborrecida com a aula da professora, **transforma seus amigos em animais e flores...** o garoto, que sofre por ser filho único e não ter ninguém com quem brincar, **povoa a casa com um macaco ou um crocodilo** que só ele pode ver (HELD, 1980, p. 45.). (grifo nosso)

Ainda segundo a autora, “Assim, a criança prolonga uma visão animista do mundo, que certamente existiu, mas que se torna então, conforme o caso,



proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham o meio de se distrair quando se aborrece” (Ibid., p. 45).

Ao analisar o poema acima ‘crocodilo’ verificamos que a presença dos diversos animais contribui para que o imaginário infantil se sobressaia entre as composições de rimas observadas em cada verso. Em *Crocodilo*, o autor faz uma brincadeira com as palavras, conciliando novos vocábulos que tenham as mesmas terminações, e desta forma, improvisa uma combinação de sonoridade cuja rima é constituída. Capparelli compõe uma poesia na qual consegue mesclar a temática dos animais, com nomes, objetos e lugares, as quais conferem um tom lúdico e humorístico por sua composição inesperada.

A repetição das consoantes (d/ l/ z/ b/ c/ h/ g) e de todas as vogais demonstra aspectos inerentes a poesia infantil, pois se tratam de assonâncias, aliterações, rimas, brincadeiras, etc., elementos necessários para causar o efeito humorístico, além de proporcionar encantamento aos pequenos leitores. Segundo Souza (2000, p. 74) “Em seu dia-a-dia a criança vive a poesia, através da brincadeira com as palavras, da invenção de rimas, da memorização das letras de canções etc. em virtude disso, não conseguimos conceber uma educação sem poesia”.

Esse poema contém palavras, talvez, desconhecidas ao público infantil como: Odilon/ Zebu/ Rebu/ Dromedário/ Falsário/ Cairo/ Kampala, porém esse repertório pouco comum ao universo infantil se torna recorrente neste poema para relacionar os versos no aspecto sonoro. Esse vocabulário contribui para uma abordagem lúdica, chamando a atenção para o nível fônico do texto, em detrimento do significado, uma vez que se trata de referências que podem não ser conhecidas pelo pequeno leitor. A combinação da linguagem simples com termos pouco conhecidos, criam uma série de referências novas baseadas principalmente na proximidade sonora com o restante da estrofe, coloca o poema em um limite entre o conhecido e o desconhecido em que ambos se unem pela brincadeira, pelo lúdico, pela fantasia. Held (1980, p. 45) já se perguntava: “Por que se assustar quando a criança sonha e brinca? Ela experimenta suas forças novas. Exercita sua imaginação, assim como exercita seus músculos, ou descobre e constrói, pouco a pouco, os mecanismos lógicos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, após todo o percurso traçado neste trabalho, pretendemos chamar a atenção para a importância da Literatura Infantil, visto os muitos percalços que esta passou até que se revelasse eminentemente infantil, voltada para o universo da criança. Consolidada, a Literatura Infantil ganha mais liberdade, cria mais, e a partir disso pode utilizar muitos recursos que atraíam e aproximam o público das crianças.

Compreendemos com a exposição deste trabalho que o mundo infantil é permeado por imagens, fantasias, brincadeiras, sons, risos, elementos que quando encontrados na Literatura para crianças, sem dúvida causa efeitos animadores e desencadeiam o interesse do público mirim pelo gênero afim.

Sabemos da importância de desenvolver temáticas como as dos animais, pelo fato de ser um assunto que se faz presente na vida das crianças, a presença destes nas poesias infantis, como exemplo, as que foram por nós analisadas, permite ao infante lidar com o sobrenatural, com a surpresa, com o deslocamento, com o estranho, ou seja, com diversas práticas inimagináveis a não ser no texto poético.

Com a leitura da poesia de Capparelli, a criança tem um contato com diferentes elementos como: a musicalidade, o ritmo, o humor, a brincadeira, a surpresa que desencadeiam a busca, o prazer e o encantamento pela leitura. A poesia de Capparelli marcha em direção à liberdade, de modo que amplia os meios de se comunicar com o leitor mirim. Através também da linguagem, ela se desenvolve cada vez mais imprevisível e surpreendente para o público infantil, visto que o autor utiliza palavras, estrofes e versos que proporcionam diversão.

Observamos que foram vários os elementos que predominam e compõem a poesia de Capparelli, mas queremos destacar o lúdico e o humor, aspectos que perpassam todos os poemas e se configuram como marco de uma poesia aprazível de ler, em virtude de contribuírem para o riso e a imaginação de todos os leitores da obra.

Temos a certeza que a Literatura Infantil é muito vasta, bem como sua poesia, por isso, não pretendemos esgotar as teorias e análises pertencentes à

temática proposta neste trabalho, visto que é amplo o leque de possibilidades existentes em trabalhar com a poesia voltada para o público infantil, desta forma, fica nosso desejo em explorar, ainda mais esse campo, o qual se pode dizer, ainda tão pouco arado por seus semeadores.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil, gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2004.
- AGUIAR, V. T. de (Coord.). *Era uma vez... Na escola. Formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001.
- AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L. *Poesia infantil e juvenil brasileira uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.
- AMARILHA, M. *Infância e literatura: traçando a história*. Educação em Questão, EDUFRN / Natal, v. 10/11, p. 126-137, 2002.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Trad. de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Copyright. Ed. 1981.
- ASBAHR, M. C. C. *Produção cultural para crianças: livros de ato-ajuda*. Trabalho de Conclusão (Faculdade de Pedagogia) – Universidade de Campinas, Campinas: UNICAMP, 2001.
- AZEVEDO, R. *Literatura Infantil: origens, visões da infância e certos traços populares*. In: *Presença Pedagógica* – BH - Ed. Dimensão - Nº 27 (1999) e em *Cadernos de Aplicação*. Volume 14 Número 1/2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- BASSO, C. M. *A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos*. Coral. Disponível em: <[http://coral.ufsm.br/lec/02\\_01/CintiaLC6.htm](http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm)>. Acesso em: 10 de agos. de 2014.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- BORDINI, M. G. Poesia e consciência lingüística na infância. IN: SMOLKA, A. L. B. et all. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p. 53-68.

\_\_\_\_\_. A poesia e seus usos na Infância. In: BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; BECKER, Paulo. *Questões de Literatura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

CAPPARELLI, S. *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

CAPPARELLI, S. Tigre Albino. Disponível em: <<http://www.capparelli.com.br/>>. Acesso em: 24 de jul. de 2014.

COELHO, N. N. *A Literatura Infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 5ª edição revista. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, M. A. A. *Literatura Infantil: teoria e prática*. 6 ed. São Paulo: ática, 1987.

ESPEIORIN, V. M.; ANTUNES, A. e FURLAN, K. S. Capparelli: uma poesia que fala. In: *Tigre Albino revista de poesia infantil*. v. 1, n. 3 – 15.07.2008. Disponível em: <http://www.tigrealbino.com.br>. Acesso em 25/08/2014.

FILHO, J. N. G. *Literatura Infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores*. Books. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt->>. Acesso em: 16 de agos. de 2014.

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Edição: Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

\_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos*. Edição: Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-169.

GANCHO, C. B. V. *Introdução à poesia: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1989.

GOLDSTEIN, N. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 2003.

GRANADEIRO, C. *Histórias para contar*. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/idade/educacao/311001/p\\_130.html](http://veja.abril.com.br/idade/educacao/311001/p_130.html)> Acesso em: 07 de agos. de 2014.

GREGORIN, J. N. Um olhar sobre a Literatura Infantil no Brasil: gênese e perspectivas. In: RÖSING, T. M. K.; BURLAMAQUE, F. V. (Org.). *De casa e de fora, de antes de agora: estudos de Literatura Infantil e juvenil*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 37-58.

HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

KLAUCK, A. P. *A poesia infantil de Sérgio Capparelli: um caminho para a infância*. 2013. 307 f. *Tese (Doutorado em Letras)*– Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

MELO, V. de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

NARODOWSKI, M. *Infância e poder: conformação da Pedagogia Moderna* (trad. Mustafá Yasbek). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

PINHEIRO, J. H. A. *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

\_\_\_\_\_. *Poesia na Sala de Aula*. (3ª ed. revista e ampliada). Campina Grande: Bagagem, 2007.

\_\_\_\_\_. Poesia pra crianças: novos livros, novos autores. In: In: ROSING, T. M. K., BULAMARQUE, F. V. I. *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de Literatura Infantil e juvenil*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010. p. 243- 266.

\_\_\_\_\_. De olho nos bichos. In: AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L. *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.

PROPP, V. *Comicidade e Riso* (1976). Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

SILVA, V. L. Em busca da surpresa e do humor. In: PINHEIRO, J. H. A. *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000. p. 81-99.

SOUZA, A. L. M. Uma Viagem ao Universo Infantil com Henriqueta Lisboa. In: PINHEIRO, Hélder (Org.) *Poemas para Crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na escola*. 2<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Global. 1982.